

## SUMÁRIO

---

O assassinato de Roger Ackroyd		7
Assassinato no Expresso Oriente		193
Assassinato no beco		363
O Natal de Poirot		413
Sobre a autora		593

# O ASSASSINATO DE ROGER ACKROYD

*Tradução de* BRUNO ALEXANDER

*Para Punkie,  
que aprecia uma história clássica de detetive,  
com assassinato, inquérito e suspeitas  
recaindo sobre todos ao mesmo tempo!*

## CAPÍTULO 1

### Dr. Sheppard à mesa do café da manhã

A sra. Ferrars morreu na noite de 16 para 17 de setembro, uma quinta-feira. Mandaram me chamar por volta das oito horas da manhã da sexta-feira, dia 17. Nada mais havia a ser feito. Ela falecera havia algumas horas.

Poucos minutos depois das nove, já estava em casa novamente. Destranquei a porta da frente com a minha chave e, propositalmente, me demorei um pouco no hall de entrada, enquanto pendurava o chapéu e o sobretudo leve que usara para me agasalhar da friagem naquele início de manhã de outono. Para ser franco, estava bem perturbado e preocupado. Não posso afirmar que, naquele momento, poderia prever os acontecimentos das semanas seguintes. Definitivamente era algo impossível. No entanto, minha intuição sinalizava tempos agitados à frente.

Da sala de jantar, à esquerda, vinha um ruído de xícaras de chá e o da tosse curta e seca de minha irmã Caroline.

– É você, James? – ela perguntou.

Pergunta desnecessária, aquela. Afinal, quem mais poderia ser? Na verdade, tinha sido exatamente minha irmã Caroline a causa daquela demora de alguns minutos. O lema de família de todos os mangustos, segundo o sr. Kipling, é: “*Vá e descubra!*”.\* Se, algum dia, Caroline adotar um brasão, vou certamente lhe sugerir um mangusto desembestado. A primeira parte do lema poderia ser omitida. Caroline é capaz de descobrir muita coisa apenas sentada tranquilamente dentro de casa. Não sei como consegue, mas sabe como fazê-lo. Suspeito que os empregados e os comerciantes atuem como seus “agentes do serviço de inteligência”. Quando ela sai, não é para colher informações, mas para divulgá-las. Também nisso ela é espertíssima.

E era justamente esta sua última característica que me causava uma desconfortável indecisão. Naquele momento, qualquer coisa que eu contasse a Caroline sobre a morte da sra. Ferrars em cerca de hora e meia seria do conhecimento de todo o vilarejo. Como bom profissional, prezo normalmente pela discrição. Por isso, adquiri o hábito de omitir-lhe as informações

---

\* Referência a *Rikki-Tikki-Tavi*, história de um mangusto escrita por Rudyard Kipling e ambientada na Índia. (N.T.)

o máximo possível. De alguma maneira, ela sempre acaba descobrindo, mas, ao menos, fico com a satisfação moral de saber que não fui o responsável.

O marido da sra. Ferrars falecera havia cerca de um ano. E Caroline, mesmo sem base alguma, costumava afirmar que a mulher o envenenara.

Ela zomba de mim quando invariavelmente digo que a causa da morte tinha sido gastrite aguda, reforçada por uma queda habitual por bebidas alcoólicas. Devo admitir que os sintomas de gastrite e de envenenamento por arsênico não são diferentes, porém a acusação de Caroline tem por base alguns motivos totalmente diversos.

– Basta olhar para ela – eu a ouvi comentar.

Embora não fosse tão jovem, a sra. Ferrars era uma mulher muito atraente e, mesmo usando roupas simples, parecia estar sempre muito bem-vestida; mas, mesmo assim, há inúmeras mulheres que compram roupas em Paris, sem que por isso, necessariamente, tenham envenenado seus maridos.

Enquanto eu estava ali de pé no hall, hesitante, com esses pensamentos em mente, ouvi mais uma vez a voz de Caroline, desta vez num tom mais agudo.

– Pelo amor de Deus, James, o que está fazendo aí? Por que não vem tomar o café da manhã?

– Estou indo, querida – respondi rapidamente. – Estou pendurando o sobretudo.

– Já poderia ter pendurado meia dúzia deles.

Ela estava certa. Teria dado tempo para isso mesmo.

Entre na sala de jantar, beijei-a de leve no rosto como de costume e sentei-me diante dos ovos com bacon. O bacon já estava meio frio.

– Chamaram você logo cedo – observou Caroline.

– Sim – confirmei. – Foi de King's Paddock. A sra. Ferrars.

– Eu sei – disse ela.

– Como soube?

– Annie me contou – respondeu.

Annie é a empregada. Uma boa moça, porém uma tagarela inveterada.

Houve uma pausa e eu continuei a comer os ovos com bacon. A ponta do nariz longo e fino de Caroline estremeceu. É o que costuma acontecer quando ela está interessada ou empolgada com alguma coisa.

– E então? – ela perguntou.

– Muito triste. Nada a fazer. Ela deve ter morrido durante o sono.

– Eu sei – disse minha irmã.

Dessa vez, eu me irritei.

– Não tem como você saber – retruquei. – Eu mesmo não sabia até chegar lá e não mencionei esse fato a quem quer que fosse até agora. Se essa moça Annie sabe, deve ser clarividente.

– Não foi Annie quem me contou. Foi o leiteiro, que soube pela cozinha dos Ferrars.

Como estava dizendo, Caroline nem precisa sair para estar informada. Fica ali sentada e as notícias chegam até ela.

Minha irmã continuou:

– Ela morreu de quê? Ataque cardíaco?

– O leiteiro não lhe contou? – repliquei com sarcasmo.

Sarcasmo não significava nada para Caroline. Ela levava tudo ao pé da letra e respondeu conforme tinha sido perguntada.

– Ele não sabia – explicou.

Como mais cedo ou mais tarde ela iria mesmo descobrir, achei melhor que ouvisse da minha boca.

– Tomou uma dose excessiva de Veronal.\* Ela vinha usando ultimamente para combater a insônia. Deve ter tomado demais.

– Nada disso – contestou ela de imediato. – Foi de propósito! Nem precisa me dizer!

É estranho que, quando desconfiamos secretamente de alguma coisa e não desejamos reconhecer o fato, se outra pessoa a expressa, nossa tendência é negar com veemência. Reagi imediatamente, indignado:

– Lá vem você de novo! – disse-lhe. – Sempre tirando conclusões precipitadas e sem pé nem cabeça! Pelo amor de Deus, por que a sra. Ferrars desejaria se suicidar? Viúva, ainda tão jovem, bonita, saudável e nada para fazer a não ser aproveitar vida. Que absurdo!

– De jeito algum. Até você deve ter notado como ela parecia diferente nos últimos tempos. Estava assim havia seis meses. Totalmente desnorteada. Você mesmo acabou de admitir que ela não conseguia dormir.

– Qual o seu diagnóstico? – perguntei friamente. – Devo supor que seria um triste caso de amor?

Minha irmã balançou a cabeça.

– *Remorso* – afirmou com muito gosto.

– Remorso?

– Sim. Você nunca acreditou em mim quando eu dizia que ela envenenou o marido. Agora, mais do que nunca, estou convencida.

– Não vejo muita lógica nisso – objetei. – Com certeza, se uma mulher comete um crime como assassinato, ela teria sangue-frio suficiente para colher os frutos sem alimentar sentimentalismos como o arrependimento.

Caroline negou, sinalizando com a cabeça.

---

\* É o nome comercial do primeiro sedativo e sonífero do grupo dos barbitúricos introduzido no mercado, no princípio do século XX. (N.T.)

– Certamente existem mulheres que são assim, mas não a sra. Ferrars. Ela era uma pilha de nervos. Por ser alguém simplesmente incapaz de suportar qualquer tipo de sofrimento, num impulso incontrollável, livrou-se do marido, e não tenho dúvidas de que, sendo mulher de um homem como Ashley Ferrars, ela deve ter sofrido um bocado...

Assenti com a cabeça.

– Desde então ela viveu assombrada pelo que fez. Só me resta sentir pena dela.

Não consigo imaginar minha irmã sentindo alguma vez pena da sra. Ferrars enquanto esta ainda vivia. Agora que ela se foi para onde (presumivelmente) vestidos de Paris não podem ser usados, Caroline sente-se em condições de sentir emoções mais brandas, como piedade e compreensão.

Disse-lhe com firmeza que toda aquela ideia era um absurdo. Eu tinha ainda mais convicção porque no íntimo concordava, ao menos em parte, com o que ela dissera. Mas também não julgava certo que Caroline chegasse à verdade simplesmente com base em palpites inspirados. Não podia encorajar esse tipo de coisa. Ela percorreria o vilarejo inteiro apresentando suas constatações, e todos pensariam que estava se baseando em informações médicas fornecidas por mim. A vida é muito complicada.

– Absurdo – disse Caroline em resposta às minhas objeções. – Você vai ver. Aposto dez contra um que ela deixou alguma carta confessando tudo.

– Ela não deixou carta alguma – falei asperamente, sem perceber aonde isso iria me levar.

– Ah! – Caroline exclamou. – Então você já *perguntou* isso, não é? James, creio que, bem no fundo do seu coração, você pensa como eu. É um velho farsante muito querido.

– É preciso sempre considerar a possibilidade de suicídio – eu lhe disse com seriedade.

– Haverá algum inquérito?

– Talvez. Depende. Se eu puder declarar que estou absolutamente satisfeito com a conclusão de que a ingestão do remédio em excesso ocorreu de modo acidental, o inquérito deve ser dispensado.

– E você está absolutamente satisfeito com essa conclusão? – perguntou minha irmã com sagacidade.

Levantei-me, deixando a mesa, sem responder.

## Quem é quem em King's Abbot

Antes de continuar narrando o que eu disse a Caroline e o que Caroline me disse, seria muito bom dar uma ideia do que eu poderia descrever como a nossa geografia local. Acho o nosso vilarejo, King's Abbot, tão agradável quanto qualquer outro. Nossa cidade grande é Cranchester, a cerca de quinze quilômetros. Temos uma boa estação de trem, um pequeno posto de correio e duas “lojas de departamentos” rivais. Tão logo chegam à idade produtiva, os homens capacitados tendem a deixar a cidade, mas temos uma profusão de solteironas e oficiais militares aposentados. Nossos passatempos ou recreações favoritos se resumem em uma palavra: fofocar.

São apenas duas as casas importantes em King's Abbot. Uma é King's Paddock, herdada pela sra. Ferrars de seu finado marido. A outra, Fernly Park, pertence a Roger Ackroyd. Sempre me interessei por Ackroyd, por ele parecer um homem da nobreza do campo, ou com a aparência que um homem dessa nobreza deveria ter. Ele lembra os tipos atléticos com rostos corados que costumam surgir no início dos musicais antigos, com a vegetação do vilarejo servindo de cenário. Geralmente, entoam canções que falam em ir embora para Londres. Mas hoje, com o teatro de revista em voga, a figura do nobre do interior sumiu dos musicais.

É claro que Ackroyd não pertence, de fato, à nobreza rural. É um industrial extremamente bem-sucedido que fabrica (penso eu) rodas para vagões. É um homem de quase cinquenta anos; tem o rosto corado e modos gentis. Mantém laços estreitos de amizade com o vigário, é bastante generoso em suas doações para o fundo paroquial (embora corram boatos de que seja bem sovina com os gastos pessoais), promove partidas de críquete, incentiva clubes para rapazes e instituições de assistência a soldados incapacitados. Na realidade, ele é a vida e a alma de nosso pacato vilarejo de King's Abbot.

Quando Roger Ackroyd era um rapaz de 21 anos, apaixonou-se e casou-se com uma mulher muito bonita, cinco ou seis anos mais velha do que ele. O sobrenome dela era Paton, uma viúva com um filho. O casamento teve uma história curta e dolorosa. Indo direto ao ponto, a sra. Ackroyd era dipsomaniaca. Ela conseguiu se matar de tanto beber, quatro anos após o casamento.

Nos anos que se seguiram, Ackroyd não teve disposição para encarar uma nova aventura matrimonial. O filho do primeiro casamento de sua mulher tinha apenas sete anos quando ela morreu. Hoje está com 25 anos. Ackroyd sempre cuidou dele como se fosse o próprio filho e educou-o dessa

maneira, mas o garoto sempre foi rebelde e fonte contínua de preocupações e problemas para o padrasto. Não obstante, todos nós em King's Abbot gostamos muito de Ralph Paton. Além de tudo, o jovem tem uma bela aparência.

Como disse antes, em nosso vilarejo estamos sempre prontos para fofocar. Todos logo repararam que Ackroyd e a sra. Ferrars se davam muito bem. Depois da morte do marido, a proximidade dos dois ficou ainda mais evidente. Sempre eram vistos juntos e todos conjecturavam que, passado o período do luto, a sra. Ferrars se tornaria a sra. Roger Ackroyd. De fato, havia entre eles um ponto forte em comum. A mulher de Roger Ackroyd falecera declaradamente por causa da bebida. Ashley Ferrars tinha sido alcoólatra durante muitos anos. Era natural que duas vítimas do excesso de álcool pudessem se confortar, tendo sofrido problemas semelhantes com os respectivos cônjuges.

Os Ferrars tinham se mudado para cá há pouco mais de um ano, mas as fofocas em torno de Ackroyd já eram bem mais antigas. Durante todo o período de crescimento de Ralph Paton até o final da adolescência, uma série de governantas administrou a casa de Ackroyd. Todas geraram algum tipo de desconfiança por parte de Caroline e suas comadres. Não seria exagero dizer que durante pelo menos quinze anos a cidade inteira acreditou piamente que Ackroyd se casaria com uma das governantas. A última delas, a temível srta. Russell, reina imbatível há cinco anos, duas vezes mais do que qualquer uma de suas antecessoras. Havia a sensação de que, caso a sra. Ferrars não tivesse aparecido, dificilmente Ackroyd teria se safado. Isso e mais outro fator: a chegada inesperada do Canadá de uma cunhada viúva e sua filha. A sra. Cecil Ackroyd, viúva do irresponsável irmão caçula de Ackroyd, instalou-se em Fernly Park e conseguiu, segundo Caroline, colocar a srta. Russell em seu devido lugar.

Não sei exatamente o que seria esse “devido lugar” – expressão que soa fria e desagradável –, mas sei que a srta. Russell anda por aí de lábios crispados e com o que eu poderia descrever como um sorriso cínico, declarando a maior comiseração pela “pobre sra. Ackroyd, dependente da caridade do irmão do marido. Comer o pão oferecido por caridade é tão ruim, não é? Eu me sentiria bem infeliz se não trabalhasse para meu próprio sustento”.

Desconheço o que a sra. Cecil Ackroyd pensou quando a questão com a sra. Ferrars veio à tona. Seria vantajoso para ela se o cunhado não se casasse. Era sempre muito amável com a sra. Ferrars – para não dizer efusiva – quando se encontravam. Caroline diz que isso não prova absolutamente nada.

Eram essas as nossas preocupações em King's Abbot nos últimos anos. Falávamos sobre Ackroyd e sobre cada aspecto de seus casos. A sra. Ferrars tinha lugar cativo nesse esquema todo.